

Projeto Aurora

Despertando Consciências,
Transformando Realidades

CARTILHA SUGESTIVA DE ATIVIDADES PARA A SEMANA ESCOLAR DE COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA AS *mulheres*



Realização:



MPSP | MINISTÉRIO PÚBLICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO



Patrocinadores:



Parceiro:





REALIZAÇÃO



PATROCINADORES



CRESOL



PARCEIRO



2ª Edição/ Ago.2024

**Cartilha Sugestiva de Atividades para a Semana Escolar de Combate à Violência contra as Mulheres
Projeto Aurora**

Produção da Cartilha: Daiana Pessoa - Coordenadora da Comissão de Direitos Humanos OAB São José do Rio Preto

Coo-produção: Ricardo Daniel Borges - Facilitador do Projeto MAN.

Grupo Mulheres do Brasil- Núcleo Rio Preto- Líder Gislangi Martins- Comitê de Combate à violência Contra as Mulheres e Meninas: Líder Rafaela Fachini e Isabella Borges

Ministério Público de São Paulo- Promotoria de Justiça Vara da Violência Doméstica Comarca de São José do Rio Preto/SP- Dra. Heloisa Gaspar

Comissão das Mulheres advogadas OAB Rio Preto- Coordenadora Isabella Borges

Instituto Roka: Presidente Sueli Noronha Kaiser

Projeto MAN

04	O Projeto
05	Mensagem da organização
06	ODS 5: Igualdade de Gênero e o Papel do Projeto Aurora
07	Lei Federal nº 14.164/21
08	Dados da Violência
09	Violência de Gênero e Estereótipos de Gênero: Conceitos Essenciais para a Educação
10	Compreendendo a Interseccionalidade
11	A violência contra a Mulher Negra
12	A violência contra as Mulheres Trans
13	A violência contra as Mulheres com Deficiências
14	A importância das leis de proteção às mulheres
15	A Lei Maria da Penha
16	Ciclo da violência
17	Medidas protetivas
18	É Preciso Falar com os Homens
19-20	Rede de atendimento multidisciplinar
21	Dúvidas Frequentes
22	Mitos x Verdades
23-24	Sugestão de Atividades para o Combate a Violência Contra as Mulheres
25-27	Sugestões de Outras Atividades
28	Materiais de Apoio/Recursos Sugestivos
29	Canais de Atendimento
30	Acesse essa Cartilha on-line
31	Contatos



O Projeto Aurora é uma iniciativa inspiradora, dedicada à promoção da igualdade de gênero e à transformação social. O nome "Aurora", simbolizando o nascer do sol, reflete a ideia de um novo começo e de renovação, trazendo esperança e uma transição positiva de pensamentos e atitudes em relação à igualdade de gênero.



Com um profundo compromisso em despertar consciências e transformar realidades, o Projeto Aurora se empenha em aumentar a percepção e a compreensão sobre as questões relacionadas às desigualdades de gênero. Através de campanhas de conscientização, workshops, palestras e material educativo, buscamos informar e sensibilizar a sociedade sobre os desafios enfrentados pelas mulheres, ressaltando a importância de promover a igualdade de oportunidades e ao combate a violência contra as mulheres.



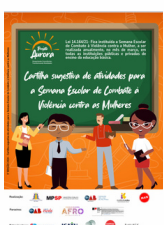
É através de nossas ações diversificadas que trazemos reflexões e conscientização sobre os desafios relacionados ao alcance da igualdade de gênero e ao combate à violência contra as mulheres. Estas reflexões são realizadas em parceria com Instituições, Organizações, Órgãos e Coletivos, visando despertar a consciência do público-alvo de cada ação. Enfatizamos a necessidade de aumentar a percepção sobre as desigualdades de gênero, abordando os desafios com uma visão interseccional, inclusiva e diversificada.



"Transformando Realidades", a segunda parte do nosso slogan, destaca o impacto positivo que almejamos. Através de iniciativas práticas como capacitações, ações comunitárias, parcerias e a criação de espaços de discussão, trabalhamos para criar um ambiente propício à mudança. Nosso objetivo é empoderar mulheres, apoiar vítimas de violência de gênero e promover políticas públicas que garantam direitos iguais e justiça para todas as mulheres.



Acreditamos que a transformação começa com a conscientização e se concretiza através de ações. Além de focar nas mulheres, o Projeto Aurora acredita no diálogo com homens, crianças, adolescentes e diferentes classes sociais, buscando atingir o máximo de pessoas em São José do Rio Preto. Desconstruir preconceitos sobre a igualdade de gênero, promover ações educativas e fortalecer os direitos das mulheres são caminhos eficazes para que todas elas realizem seu potencial, garantindo seus direitos com respeito, dignidade e justiça.



Com uma abordagem centrada na empatia, no apoio e na justiça, o projeto busca inspirar e capacitar indivíduos e a comunidade a se unirem na luta pela igualdade de gênero, criando um futuro mais justo e igualitário para todos e todas.



É com grande entusiasmo que apresentamos a vocês a 2ª edição da nossa Cartilha sugestiva de atividades para a Semana Escolar de Combate à Violência contra as Mulheres.

Sabemos o quanto vocês são peças fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, e por isso, essa cartilha foi cuidadosamente elaborada para apoiar e fortalecer o trabalho incrível que vocês já fazem nas escolas.

Nesta 2ª edição, trazemos uma cartilha renovada, com novas dinâmicas e interações que vão enriquecer ainda mais o aprendizado e a troca de experiências em sala de aula. Sabemos que a educação é uma ferramenta poderosa para transformar realidades, e é com essa visão que incorporamos novos conteúdos que acreditamos tornarão as atividades com os alunos mais envolventes e significativas.

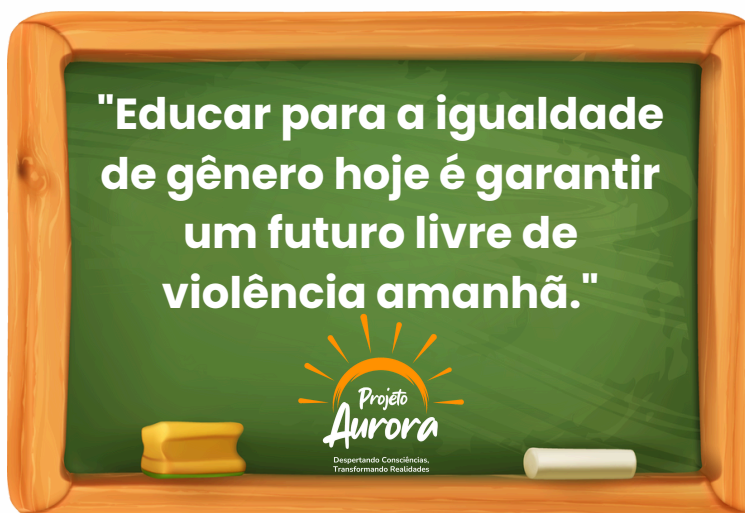
O combate à violência contra as mulheres é um tema urgente e de extrema importância para ser abordado nas escolas. A violência de gênero ainda afeta milhões de mulheres e meninas, e é nas salas de aula que podemos começar a desconstruir preconceitos, promover o respeito mútuo e ensinar sobre os direitos e a dignidade de cada pessoa. O papel de vocês, professores e professoras, nessa construção é essencial. Vocês são os guias que ajudam a moldar as atitudes e valores das novas gerações, criando um ambiente onde a igualdade e o respeito são cultivados desde cedo.

Nosso objetivo é que cada aluno (a) possa se conectar de maneira mais profunda com os temas abordados, compreendendo a importância de respeitar, valorizar e garantir os direitos de todas e todos, independentemente de gênero. Sabemos que, com o apoio de vocês, essas discussões podem ter um impacto transformador na vida de cada estudante.

Agradecemos por fazerem parte dessa jornada conosco!

Estamos juntas e juntos na missão de promover a igualdade de gênero e construir um futuro onde a violência contra as mulheres não tenha lugar.

**Com carinho,
Equipe do Projeto Aurora**



Realização:



MPSP | MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



5 IGUALDADE DE GÊNERO



A ODS 5 é um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) criados pela ONU, e foca em algo essencial: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

Em outras palavras, a ODS 5 quer garantir que as mulheres tenham os mesmos direitos e oportunidades que os homens, e que todas as formas de violência e discriminação contra elas sejam eliminadas.

MAS POR QUE ISSO É TÃO IMPORTANTE?

Porque, ainda hoje, muitas mulheres e meninas enfrentam desafios enormes apenas por serem quem são. Esses desafios incluem desde a violência doméstica e discriminação no trabalho até a falta de oportunidades de liderança e acesso desigual à educação e saúde.

COMO O PROJETO AURORA CONTRIBUI?



O Projeto Aurora foi criado exatamente para enfrentar esses desafios, alinhando-se diretamente com a ODS 5. **Nosso trabalho se divide em duas frentes principais: o eixo Social e o eixo Educação.**

Eixo Social: Aqui, a gente trabalha para fortalecer as mulheres, oferecendo apoio em áreas como empregabilidade, saúde e direitos. Isso significa ajudar as mulheres a encontrar empregos dignos, cuidar melhor da saúde e entender os seus direitos para que possam se defender e tomar decisões seguras e informadas. Nosso objetivo é que todas as mulheres possam viver com respeito, dignidade e justiça.

Eixo Educação: A educação é uma ferramenta poderosa para mudar o mundo, e é por isso que investimos em capacitações para profissionais da educação, palestras em escolas, materiais educativos. Queremos garantir que os educadores saibam identificar e combater a violência de gênero desde cedo, além de promover a igualdade e o respeito dentro e fora das salas de aula. Profissionais bem preparados são capazes de criar ambientes seguros e inclusivos, onde todas e todos, independentemente de gênero, possam prosperar.

O QUE ISSO SIGNIFICA PARA VOCÊS, EDUCADORES (AS)?




Vocês, profissionais da educação, têm um papel essencial nessa luta pela igualdade de gênero. Com a formação e o apoio certo, podem ajudar a construir uma sociedade mais justa, onde meninas e meninos cresçam sabendo que têm direitos iguais e que a violência e discriminação não têm espaço.

O Projeto Aurora está aqui para caminhar ao lado de vocês nessa jornada. Em união, podemos transformar realidades, promovendo um futuro onde a igualdade de gênero seja a norma, e não a exceção.

Vamos juntas e juntos nessa?

Você sabia que existe uma lei que torna obrigatório o combate à violência contra as **MULHERES NA ESCOLA**?



A Lei nº 9.394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), foi atualizada em 2021 para reforçar essa responsabilidade ao incluir, de forma explícita, conteúdos sobre direitos humanos e a prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher nos currículos escolares. Além disso, a lei também instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, a ser realizada anualmente em março, em todas as instituições de ensino da educação básica, públicas e privadas.

MAS O QUE ISSO SIGNIFICA NA PRÁTICA?

Significa que, desde 2021, os conteúdos sobre direitos humanos e a prevenção de todas as formas de violência contra a criança, o adolescente e a mulher devem ser integrados obrigatoriamente ao currículo escolar como temas transversais. Isso quer dizer que esses assuntos não ficam restritos a uma única disciplina, mas são incorporados de maneira dinâmica em todas as áreas de ensino, tornando-se parte do dia a dia dos alunos.



A lei instituiu a Semana Escolar de Combate à Violência contra a Mulher, que acontece todos os anos em março, nas escolas públicas e privadas da educação básica. Durante essa semana, a ideia é que toda a comunidade escolar se envolva em atividades voltadas para:

Conhecer a Lei Maria da Penha: Esclarecer os direitos das mulheres e as proteções legais disponíveis.

Refletir e debater: Estimular discussões que ajudem os alunos a entender a importância da igualdade de gênero e a reconhecer atitudes e comportamentos violentos.

Criar estratégias de enfrentamento: Trabalhar juntos, alunos, professores e comunidade, para encontrar soluções que previnam e combatam a violência.

Explorar os mecanismos de apoio: Informar sobre as formas de assistência à mulher em situação de violência, como funcionam as denúncias e quais são os recursos disponíveis.

Capacitar e conscientizar: Treinar os profissionais da educação para lidar com questões de violência nas relações afetivas, trazendo essas discussões para o ambiente escolar.

Promover a igualdade de gênero: Incentivar o respeito e a valorização de todos, independente de gênero, como um passo crucial para prevenir a violência.

Distribuir materiais educativos: Garantir que todos tenham acesso a recursos que facilitem o trabalho de conscientização e prevenção.

Cresceram os casos de todos os tipos de violência contra a mulher no Brasil, em 2023.

O país atinge um recorde de feminicídios e registra um estupro a cada seis minutos, conforme indicado pelo Anuário de Segurança. No ano passado, houve 1.467 mortes por motivos de gênero, o maior número desde a promulgação da lei que define o crime em 2015.

Também foram verificados aumentos nas taxas de registros de agressões em contexto de violência doméstica (9,8%), ameaças (16,5%), perseguição/stalking (34,5%), violência psicológica (33,8%) e estupro (6,5%). Confira abaixo:

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024

CRESCEM TODAS AS MODALIDADES DE VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES

AGRESSÕES DECORRENTES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

↑ 258.941 REGISTROS
9,8%

STALKING

↑ 77.083 REGISTROS
34,5%

AMEAÇAS

↑ 778.921 REGISTROS
16,5%

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA

↑ 38.507 REGISTROS
33,8%

TENTATIVA DE HOMICÍDIO CONTRA MULHERES

↑ 8.372 VÍTIMAS
9,2%

TENTATIVA DE FEMINICÍDIO

↑ 2.797 VÍTIMAS
7,1%

FEMINICÍDIOS

↑ 1.467 VÍTIMAS
0,8%

VÍTIMAS DO FEMINICÍDIO

63,6% NEGRAS
71,1% ENTRE 18 E 44 ANOS
64,3% FORAM MORTAS NA RESIDÊNCIA



↑ 540.255 MEDIDAS PROTETIVAS DE URGÊNCIA CONCEDIDAS
CRESCIMENTO DE 26,7%

JUSTIÇA CONCEDEU 81,4% DAS SOLICITAÇÕES

90% DOS ASSASSINOS DE MULHERES SÃO HOMENS

QUEM MATOU?
63% parceiro íntimo
21,2% ex-parceiro íntimo
8,7% familiar

VIOLÊNCIA SEXUAL

IMPORTUNAÇÃO SEXUAL

↑ 41.371 REGISTROS
48,7%

ASSÉDIO SEXUAL

↑ 8.135 REGISTROS
28,5%

DIVULGAÇÃO DE CENA DE ESTUPRO / SEXO / PORNOGRAFIA

↑ 7.188 REGISTROS
47,8%

Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2024

1 ESTUPRO A CADA 6 MINUTOS

↑ 6,5%

83.988 VÍTIMAS DE ESTUPRO E ESTUPRO DE VULNERÁVEL

TAXA DE 41,4 POR 100 mil
2011 A 2023 ESTUPROS CRESCEM 91,5%

PERFIL DAS VÍTIMAS

61,6% TEM ATÉ 13 ANOS
76,0% ERAM VULNERÁVEIS
88,2% SEXO FEMININO
52,2% NEGRAS
11,1% ENTRE 0 E 4 ANOS
18,0% ENTRE 5 E 9 ANOS
32,5% ENTRE 10 E 13 ANOS

AGRESSORES

64% FAMILIAR
22,4% CONHECIDOS
31,2% FAMILIAR
28,1% PARCEIROS ÍNTIMO
9,9% EX-PARCEIRO
13,2% CONHECIDOS



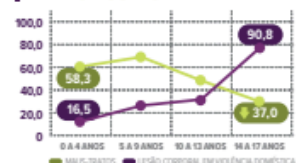
VÍTIMAS DE 14 ANOS E +

37,0% FAMILIAR
37,0% CONHECIDOS

VIOLÊNCIAS CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES 2022/2023

↑ 22,0% ABANDONO DE INCAPAZ
↑ 34,0% ABANDONO MATERIAL
↑ 42,6% PORNOGRAFIA INFANTO-JUVENIL
↑ 24,1% EXPLORAÇÃO SEXUAL INFANTIL
↑ 28,4% SUBTRAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

MAUS-TRATOS NA INFÂNCIA TORNAM-SE LESÕES CORPORAIS NA ADOLESCÊNCIA



ONDE OCORRE A VIOLÊNCIA SEXUAL

LOCALIS	ESTUPRO	ESTUPRO DE VULNERÁVEL	ESTUPRO + ESTUPRO DE VULNERÁVEL
RESIDÊNCIA	52,1	64,7	61,7
VIA PÚBLICA	20,5	10,6	12,9
ÁREA RURAL	2,2	2,5	2,5
SÍTIO E FAZENDA	0,9	1,2	1,1
ESTABELECIMENTO COMERCIAL/ FINANCEIRO	3,8	1,4	2,0
HOSPITAL	1,5	1,4	1,4
OUTROS	19,0	18,2	18,4

CIDADES COM MAIORES TAXAS DE ESTUPROS/ ESTUPROS DE VULNERÁVEL NO PAÍS

1. SORRISO (MT) — 113,9
2. PORTO VELHO (RO) — 113,6
3. BOA VISTA (RR) — 110,5
4. ITAITUBA (PA) — 100,6
5. DOURADOS (MS) — 98,6

MAUS-TRATOS

↑ 29.469 VÍTIMAS
30,3%
60,9% DAS VÍTIMAS TINHAM NO MÁXIMO 9 ANOS
25,1% ENTRE 0 E 4 ANOS
35,7% ENTRE 5 E 9 ANOS

CRESCEM AGRESSÕES ENTRE CRIANÇAS NO AMBIENTE DOMÉSTICO

↑ 9,4% 0 A 4 ANOS
↑ 11,4% 5 A 9 ANOS
↑ 2,6% 10 A 13 ANOS



A sala de aula é um espaço de aprendizado, mas também um lugar onde moldamos valores e atitudes que os alunos levarão para a vida toda. Para desempenharmos esse papel com eficácia, é fundamental que compreendamos dois conceitos essenciais: violência de gênero e estereótipos de gênero.

o que é violência de gênero?

Violência de gênero é toda forma de violência que é cometida contra uma pessoa com base em seu gênero. Isso inclui, mas não se limita, a agressões físicas, verbais, emocionais, sexuais e até econômicas. A violência de gênero é uma expressão extrema das desigualdades de poder entre os gêneros e ocorre em diversas formas e contextos, sendo muitas vezes naturalizada ou invisibilizada na sociedade.



como identificar na escola?

Na escola, é essencial identificar e combater essas atitudes desde cedo. Isso significa não apenas intervir em casos de bullying ou agressão direta, mas também estar atento a comportamentos e discursos que reforcem a inferiorização das meninas. A prevenção da violência de gênero começa com a conscientização sobre essas questões, educando os alunos e alunas para que reconheçam e rejeitem essas formas de violência em suas vidas.

e os estereótipos de gênero?

Estereótipos de gênero são crenças sobre como homens e mulheres devem se comportar, vestir, pensar e sentir. Esses estereótipos são muitas vezes ensinados de maneira sutil desde a infância, influenciando profundamente as escolhas e comportamentos das pessoas ao longo da vida.

Por exemplo, a ideia de que "meninas são frágeis" ou que "meninos não choram" são estereótipos que limitam as possibilidades de expressão e desenvolvimento de ambos os gêneros. Esses estereótipos perpetuam desigualdades ao restringir o que é considerado "aceitável" para cada gênero, muitas vezes resultando em discriminação e violência.

No ambiente escolar, é essencial que questionemos e desconstruamos esses estereótipos. Isso não apenas ajuda a criar um ambiente mais inclusivo e respeitoso, mas também permite que cada aluno desenvolva seu pleno potencial sem as limitações impostas por esses preconceitos.

Ao incentivar a igualdade de gênero e desafiar os estereótipos, estamos promovendo uma educação que valoriza a diversidade e o respeito mútuo.



Quando falamos sobre desigualdade, é comum pensarmos em categorias isoladas, como gênero, raça ou classe social. No entanto, a realidade é muito mais complexa. E aqui que entra um conceito fundamental para a educação e para a promoção de um ambiente mais inclusivo: interseccionalidade!



Esse conceito, introduzido pela professora e jurista Kimberlé Crenshaw, nos desafia a olhar para além das categorias isoladas de discriminação e a considerar como essas categorias se combinam para impactar a vida das pessoas de maneira complexa e multifacetada.

o que é **Interseccionalidade**?

Interseccionalidade é um conceito que nos ajuda a entender como diferentes formas de opressão e privilégio se sobrepõem e interagem, criando experiências únicas de discriminação ou privilégio para cada pessoa.

violência de gênero e **interseccionalidade**

A violência de gênero, quando analisada sob a ótica da interseccionalidade, revela como diferentes formas de discriminação intensificam a vulnerabilidade de grupos diferentes. Mulheres que pertencem a grupos “marginalizados”, como mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+ ou com deficiência, podem enfrentar formas de violência mais severas ou invisibilizadas, justamente por estarem na interseção de múltiplas desigualdades.

Por exemplo, uma mulher negra pode enfrentar tanto o racismo quanto o machismo em uma situação de violência doméstica, o que pode dificultar seu acesso a recursos de apoio, como delegacias ou serviços de saúde, que muitas vezes não estão preparados para lidar com essa sobreposição de opressões. Da mesma forma, uma mulher trans pode enfrentar barreiras adicionais devido à transfobia, além da violência de gênero.

Essa abordagem interseccional nos permite entender que a violência de gênero não é uma experiência uniforme, e que as respostas a essa violência precisam ser igualmente complexas e sensíveis às diferentes realidades das mulheres.


Ao considerar a interseccionalidade, abordamos a diversidade de forma abrangente e combatemos eficazmente a violência de gênero. Reconhecer e agir sobre as interseções de opressão é essencial para garantir uma sociedade mais justa, inclusiva e segura para todas.



O que a distingue a violência contra a mulher negra, é que essas violências são frequentemente amplificadas pelo racismo estrutural e institucional. Mulheres negras, por exemplo, têm menos acesso a serviços de apoio, são mais vulneráveis à violência policial e, frequentemente, são desumanizadas por estereótipos racistas que as retratam como “fortes” e “resilientes”, minimizando sua dor e sofrimento.

o papel da educação- racismo e machismo

Para as mulheres negras, o machismo se entrelaça com o racismo, criando uma teia de opressões que afeta todos os aspectos de suas vidas. Adesvalorização histórica das mulheres negras, herdada do período colonial e perpetuada até os dias de hoje, contribui para que elas sejam as principais vítimas de feminicídios, de violência obstétrica e de outras formas de abuso e discriminação.



66,9%
das vítimas de
feminicídios eram
mulheres negras
em 2023.

Esse duplo fardo faz com que, **muitas vezes, as agressões sofridas por mulheres negras não sejam reconhecidas ou devidamente tratadas**, tanto no sistema de justiça quanto nos serviços de proteção social. Além disso, **a mídia e a sociedade tendem a silenciar essas violências, reforçando a invisibilidade da mulher negra.**

Educar sobre a interseção entre racismo e machismo é vital para que os alunos compreendam as injustiças enfrentadas pelas mulheres negras e, mais importante, para que se tornem agentes de transformação. Mas, como transformar esse cenário?

- **Incorporando a História e a Cultura Afro-Brasileira:** É essencial que os currículos escolares reflitam a riqueza e a diversidade da história e da cultura afro-brasileira, combatendo estereótipos e promovendo uma visão mais justa e inclusiva.
- **Desconstruindo Estereótipos:** Os estereótipos racistas e sexistas que desumanizam as mulheres negras precisam ser desconstruídos. Isso envolve discussões abertas sobre racismo e machismo na sala de aula e a promoção de imagens positivas e diversificadas de mulheres negras.
- **Promovendo a Igualdade Racial e de Gênero:** A igualdade racial e de gênero deve ser um objetivo central nas práticas pedagógicas. Isso significa criar um ambiente escolar onde todas as alunas, independentemente de sua cor, sejam respeitadas e valorizadas, e onde a violência seja enfrentada com seriedade e compromisso.

A escola é um espaço privilegiado para promover a consciência crítica e o respeito à diversidade. Como educadores, vocês têm a oportunidade de ensinar que a vida de cada mulher negra importa, e que suas experiências e desafios precisam ser reconhecidos e enfrentados com coragem e empatia!

Uma mulher trans é uma pessoa que foi designada como do sexo masculino ao nascer, mas que se identifica e vive como mulher. Isso significa que sua identidade de gênero – a forma como ela se vê e se sente em relação ao seu gênero – é feminina, independentemente do que foi atribuído a ela no nascimento

A transição de uma mulher trans pode envolver diversas etapas, que variam de pessoa para pessoa. Essas etapas podem incluir mudanças no nome, no modo de vestir, na apresentação pessoal e, em alguns casos, tratamentos médicos ou cirurgias para alinhar o corpo com sua identidade de gênero.

No entanto, nem todas as mulheres trans optam por ou têm acesso a intervenções médicas, e isso não faz delas menos mulheres.

Você está preparado (a) para identificar a violência contra a mulher transexual?

A violência contra a mulher transexual é uma realidade brutal que, infelizmente, ainda se manifesta em nossa sociedade e também no ambiente educacional. É essencial atenção para identificar e combater essas práticas, garantindo um espaço seguro e inclusivo para todas as mulheres, independentemente de sua identidade de gênero.

Em 2023, foram registrados 145 assassinatos de pessoas transexuais, travestis e pessoas não binárias no Brasil

por que a violência contra a mulher trans é invisibilizada?

Mulheres transexuais enfrentam desafios únicos, muitas vezes agravados pela falta de reconhecimento e respeito à sua identidade. A violência que elas sofrem pode ser sutil ou explícita, mas frequentemente é invisibilizada, perpetuando ciclos de exclusão e marginalização. Essa invisibilidade se traduz em barreiras, que vão desde o exercício de direitos básicos, até a violência brutal que elas sofrem.

- O STF equiparou a discriminação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais ao crime de racismo. A pena para o crime de transfobia é de 1 a 5 anos de reclusão.
- O STJ, estabeleceu, em abril de 2022, que a Lei Maria da Penha se aplica também aos casos de violência doméstica ou familiar contra mulheres transexuais.
- Em 2018 o CNJ, publicou um provimento que passou a exigir que todos os cartórios de registro de pessoas do país realizassem a mudança do nome, sem a necessidade de processo judicial.
- A Portaria nº 1707 do Ministério da Saúde, prevê a realização da cirurgia de redesignação sexual pelo SUS.

**TRANSFOBIA
É CRIME!**



A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) são instrumentos essenciais na promoção e proteção dos direitos das pessoas com deficiência, abrangendo suas diversas formas de funcionalidade.

A violência contra pessoas com deficiência é uma grave questão pública e uma evidente violação dos direitos humanos. Este grupo enfrenta um risco elevado de sofrer diversas formas de abuso e violência ao longo da vida, incluindo abusos específicos relacionados à deficiência e ao gênero, como a retenção de medicamentos, o uso excessivo de medicação, a negligência com necessidades básicas diárias como higiene pessoal e cuidados médicos, além da violência sexual.

A interseccionalidade da deficiência com outras características sociais aumenta a vulnerabilidade de certos indivíduos, como mulheres com deficiência, à violência doméstica.

Mulheres com deficiência ainda são os principais alvos de violência no País, com 57,2 vítimas para cada dez mil indivíduos, segundo o Atlas da Violência 2024.



A Lei Maria da Pena incluiu em 2019 a obrigação de informar a deficiência da vítima nos boletins de ocorrência, bem como também prevê que caso a violência doméstica seja cometida contra mulher com deficiência, a pena será aumentada em um terço.

fatores de risco para as mulheres com deficiência:

- o isolamento social, a dependência de cuidadores e serviços, o tipo e grau de funcionalidade da deficiência, a dificuldade em se defender fisicamente e o recebimento de benefícios financeiros do governo (que agressores tentam controlar) aumentam a vulnerabilidade.
- Pessoas com deficiência intelectual e transtornos mentais enfrentam maior risco de violência, especialmente sexual o risco é significativamente mais elevado de serem vítimas.

como falar sobre direitos e autonomia para mulheres com deficiência?

Educar mulheres com deficiência sobre seus direitos e promover sua autonomia são passos fundamentais para combater a violência. Muitas vezes, essas alunas podem não estar cientes de seus direitos ou de como denunciar abusos. Como educadores, vocês desempenham um papel crucial em fornecer essa informação e em criar um ambiente onde elas se sintam seguras para expressar suas preocupações e relatar qualquer forma de violência. Além disso, a inclusão e acessibilidade são essenciais para prevenir a violência contra mulheres com deficiência, garantindo igualdade de participação e respeito às necessidades específicas no ambiente escolar. Isso inclui estar atento a sinais de violência e trabalhar para criar um ambiente escolar onde todas as formas de discriminação e violência sejam inaceitáveis.

Como você pode começar a implementar essas práticas hoje?

“Conhecer as leis de proteção às mulheres é empoderar-se para transformar realidades, promover justiça e garantir que todas as meninas e mulheres vivam com dignidade e segurança. Seja um(a) agente de mudança: faça da sua sala de aula um espaço de igualdade e respeito.”



Quando falamos sobre a proteção e os direitos das mulheres, é fundamental que os profissionais da educação conheçam as principais leis que amparam essa luta. Essas legislações não são apenas instrumentos legais, mas pilares fundamentais na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No ambiente escolar, compreender e aplicar esses conhecimentos é essencial para garantir que meninas e mulheres sejam tratadas com dignidade, respeito e tenham seus direitos assegurados.

VAMOS CONHECER?

- **Lei Maria da Penha (11.340/2006):** Esta é a lei mais conhecida de proteção às mulheres no Brasil e cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e estabelece medidas de assistência e proteção.
- **Lei do Feminicídio(13.104/2015):** Modificou o Código Penal para incluir o feminicídio como uma circunstância qualificadora do homicídio, ou seja, o assassinato de uma mulher em razão de sua condição de gênero, sendo considerado um crime hediondo.
- **Lei de Importunação Sexual (13.718/2018):** Criminaliza atos de importunação sexual, como assédio e atos libidinosos sem consentimento, com pena de 1 a 5 anos de prisão.
- **Violência Política de Gênero (14.192/2021):** estabelece normas para prevenir, reprimir e combater a violência política contra a mulher, para dispor sobre os crimes de divulgação de fato ou vídeo com conteúdo inverídico no período de campanha eleitoral, para criminalizar a violência política contra a mulher e para assegurar a participação de mulheres em debates eleitorais proporcionalmente ao número de candidatas às eleições proporcionais.
- **Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013):** Assegura o atendimento imediato e obrigatório às vítimas de violência sexual em hospitais, sem necessidade de apresentação de boletim de ocorrência.
- **Lei Joana Maranhão (12.650/2012):** as vítimas passam a ter um prazo de 20 anos para realizar a denúncia a partir do momento que completam 18 de anos de idade.
- **Assédio sexual (10.224/2001):** Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico ou ascendência inerentes ao exercício de emprego, cargo ou função.



Maria da Penha Maia Fernandes é um ícone brasileiro na luta contra a violência doméstica no Brasil. Em 1983, ela sobreviveu a duas tentativas de homicídio realizadas por seu marido, resultando em sua paraplegia. Após uma longa batalha legal, sua história levou à criação da Lei Maria da Penha em 2006, com o objetivo de proteger as mulheres contra a violência doméstica e familiar. Essa legislação introduziu medidas para prevenir e combater a violência doméstica e familiar contra as mulheres.

o que é a **Lei Maria da Penha**?

A Lei Maria da Penha foi criada para enfrentar a violência doméstica e familiar contra as mulheres, estabelecendo medidas para proteger as vítimas e punir os agressores. Essa lei reconhece que a violência contra a mulher pode ocorrer em diversas formas – física, psicológica, sexual, patrimonial e moral – e busca garantir que as mulheres tenham acesso à justiça e a uma rede de apoio.

o que configura violência **doméstica e familiar**?

Configura violência doméstica e familiar contra a mulher qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause **morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial**.

em quais casos pode ser **aplicada a Lei Maria da Penha**?

- **Vínculo de parentesco natural ou por afinidade:** Pai, mãe, tio, primos, padrasto;
- **Relação íntima de afeto:** marido, companheiro (a), namorado (a), ex;
- **Violência ocorra no espaço de convívio doméstico:** Quando as pessoas residem no mesmo local, mas desde que essa violência seja baseada no gênero, ou seja, tenha ocorrido em razão do gênero feminino (por ser mulher);

quais são as formas **de violência**?



Física

Conduta que ofenda integridade ou saúde corporal da mulher.



Sexual

Atos que constroem ou sejam sem o consentimento.



Moral

Comentários ofensivos, humilhação pública.



Psicológica

Conduta que causa dano emocional.



Patrimonial

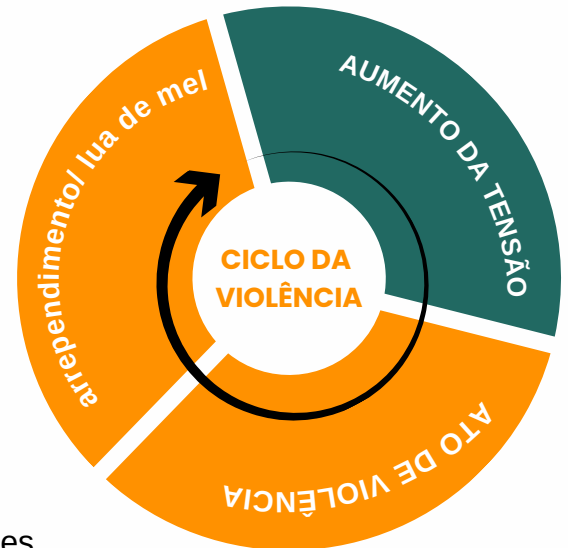
Retenção, subtração ou destruição de objetos da mulher.

✓ O QUE É O CICLO DA VIOLÊNCIA?

O ciclo da violência é um padrão de comportamento comum em relacionamentos abusivos, onde a violência se repete em fases cíclicas. Compreender esse ciclo é essencial para identificar e intervir em situações de abuso antes que elas se intensifiquem.

✓ COMPOSTO POR TRÊS FASES:

- **1: Evolução da Tensão Atitude do agressor:** Agressões verbais (ofensas, humilhações) e/ou destruição de objetos da casa. **Atitude da vítima:** sente-se responsável pelas explosões do agressor. Procura justificativas para o comportamento violento dele (cansaço, desemprego, por uso de álcool, etc.).
- **2: Explosão/Incidente de Agressão Atitude do agressor:** comete agressões físicas e verbais e apresenta comportamento descontrolado. A cada novo ciclo as agressões se tornam mais violentas. **Atitude da vítima:** sente-se fragilizada, em choque. Acredita que não tem controle da situação
- **3: Lua de Mel/Comportamento Amoroso:** diz que se arrepende e promete mudar de comportamento. Temporariamente torna-se atencioso e carinhoso. **Atitude da vítima:** acredita na mudança de comportamento do agressor e que a violência não se repetirá até que o casal retorna à fase 1.



A repetição do **"Ciclo da Violência Doméstica"**, frequentemente, leva a mulher a acreditar que não pode controlar as agressões praticadas por seu companheiro ou ex-companheiro. Isto pode gerar um intenso sentimento de desamparo e o pensamento de que "não há saída". Por estas razões, a mulher pode permanecer muito tempo em uma relação violenta e enfrentar dificuldades para procurar ajuda.




POR QUE É IMPORTANTE QUEBRAR O CICLO DA VIOLÊNCIA?

Quebrar o ciclo da violência é essencial para interromper o padrão abusivo e proteger a vida das vítimas. Quando o ciclo não é quebrado, a violência tende a se intensificar com o tempo, tornando-se mais frequente e grave, podendo levar ao feminicídio.

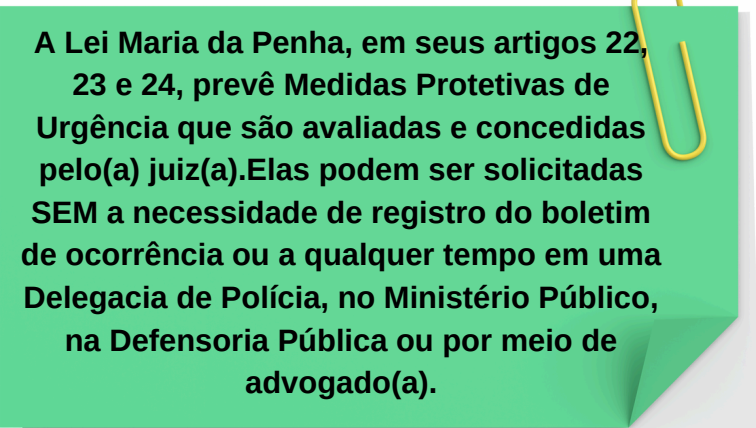
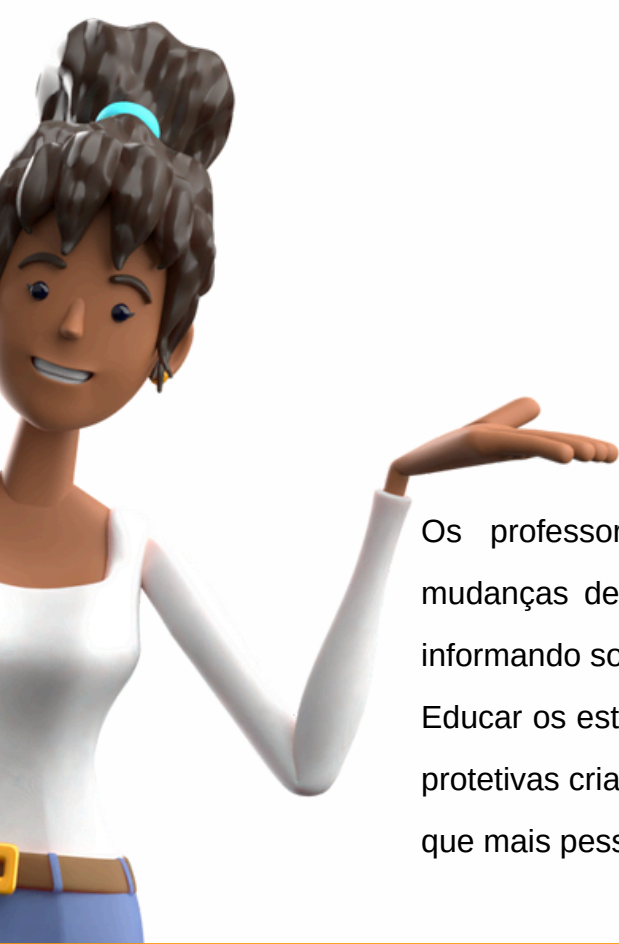
Os profissionais da educação desempenham um papel importante nessa quebra, pois estão em uma posição estratégica para identificar sinais de abuso em alunos e suas famílias. Intervenções precoces, como o apoio psicológico e o encaminhamento para serviços de proteção, podem salvar vidas e evitar que o ciclo se perpetue.

O QUE SÃO MEDIDAS PROTETIVAS?



Medidas protetivas são ações legais implementadas para proteger a vítima e interromper o ciclo de violência. Previstas na Lei Maria da Penha, essas medidas podem ser solicitadas por qualquer mulher que esteja em situação de risco. **Dentre as principais medidas protetivas, destacam-se:**

- o afastamento do agressor do lar, ou local de convivência com a vítima;
- proibição de contato com a vítima, seus familiares e testemunhas, por qualquer meio de comunicação;
- restrição ou suspensão de visitas aos filhos e filhas;
- prestação de alimentos provisórios;
- restituição de bens indevidamente subtraídos pelo agressor;
- suspensão das procurações conferidas pela vítima ao agressor;
- proibição temporária para celebração de contratos de compra, venda e locação de bens em comum.
- comparecimento do agressor a programas de recuperação e reeducação;
- acompanhamento psicossocial do agressor, por meio de atendimento individual e/ou em grupo de apoio.



A Lei Maria da Penha, em seus artigos 22, 23 e 24, prevê Medidas Protetivas de Urgência que são avaliadas e concedidas pelo(a) juiz(a). Elas podem ser solicitadas SEM a necessidade de registro do boletim de ocorrência ou a qualquer tempo em uma Delegacia de Polícia, no Ministério Público, na Defensoria Pública ou por meio de advogado(a).

como a escola pode ajudar?

Os professores podem ajudar de várias formas, como observando mudanças de comportamento nos alunos, ouvindo relatos de violência, e informando sobre os recursos disponíveis.

Educar os estudantes sobre o ciclo da violência e a importância de medidas protetivas cria uma cultura de conscientização e empoderamento, permitindo que mais pessoas reconheçam e denunciem situações abusivas.

Por que é essencial incluir homens e meninos na conversa sobre violência de gênero?

Quando falamos sobre a violência contra mulheres e meninas, muitas vezes o foco recai apenas nas vítimas, o que é compreensível e necessário.

No entanto, é essencial entender que os homens e meninos também têm um papel fundamental na erradicação desse problema. A violência de gênero é, em grande parte, perpetrada por homens, e é exatamente por isso que eles devem fazer parte da solução. Educar meninos e engajar homens na luta contra a violência de gênero não só os torna aliados, mas também pode prevenir futuras agressões.

Como podemos engajar meninos e homens nessa discussão?

A educação é a ferramenta mais poderosa que temos para mudar mentalidades e comportamentos. Ao introduzir discussões sobre respeito, igualdade e masculinidade saudável desde a infância, podemos ajudar a moldar a maneira como meninos veem e tratam as meninas e mulheres ao seu redor. Promover debates em sala de aula, utilizar atividades que estimulem a empatia e desconstruir estereótipos de gênero são passos essenciais. Isso pode incluir dinâmicas que desafiem noções tradicionais de masculinidade e incentivem os meninos a expressar emoções de maneira saudável, sem recorrer à violência.

A violência não é uma característica inerente aos homens, sejam eles adolescentes, jovens ou adultos. A crença de que a violência é natural para os homens pode estar ligada a estereótipos de gênero e normas sociais que promovem comportamentos agressivos como sendo mais aceitáveis ou esperados, devido a papéis sociais como provedor, protetor, reprodutor e autossuficiente.

A violência é um comportamento aprendido e é influenciado por uma variedade de fatores, incluindo educação, ambiente social e experiências individuais. Adolescentes e jovens, independentemente do gênero, podem ser ensinados a resolver conflitos de maneiras pacíficas e a expressar suas emoções de forma saudável.

Quando um homem tem poucas oportunidades de reconhecer e expressar seus sentimentos, ele tende a se isolar diante das adversidades da vida, o que pode resultar em menos diálogo e mais reatividade negativa. Embora seja essencial que o ambiente escolar tenha regras claras contra a violência e o bullying, a abordagem punitiva deve ser evitada. Ela reforça a ideia de que conflitos são resolvidos através de ameaças, o que é um grande equívoco.

Um ambiente onde adolescentes e jovens se sintam valorizados e respeitados contribui diretamente para a construção de relações mais pacíficas.





A Rede de Atendimento Multidisciplinar é um conjunto de serviços e profissionais que atuam de forma integrada para oferecer suporte às mulheres em situação de violência. Esse apoio é essencial para garantir que as vítimas recebam o cuidado necessário em todas as esferas da sua vida — física, emocional, social e legal. A rede envolve diferentes setores, como saúde, justiça, assistência social, educação, e segurança pública, trabalhando juntos para atender às diversas necessidades das mulheres.

quem faz parte da rede de atendimento e a importância

A rede é composta por diversos profissionais e instituições, cada um com um papel específico.

Veja quem faz parte dessa rede:

- Delegacias Especializadas: Locais onde as mulheres podem denunciar casos de violência e receber orientações sobre medidas protetivas.
- Segurança Pública: Polícia Militar, patrulha Maria da Penha;
- Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAM): Espaços que oferecem apoio psicológico, social e jurídico para mulheres em situação de violência.
- Serviços de Saúde: Hospitais e unidades de saúde que prestam atendimento médico, exames e acompanhamento para vítimas de violência física e sexual.
- Ministério Público e Defensoria Pública: Instituições que garantem o acesso à justiça, oferecendo suporte legal e representando as vítimas em processos judiciais.
- Rede de Educação: Escolas e universidades que têm o papel de educar, sensibilizar e capacitar alunos e profissionais sobre temas relacionados à violência de gênero.
- Assistência Social: Serviços que oferecem apoio socioeconômico e auxiliam na reintegração social das mulheres vítimas de violência.

A integração dos serviços em uma rede multidisciplinar é essencial porque a violência contra a mulher é um problema complexo que afeta diferentes aspectos da vida da vítima. A rede garante que as mulheres não fiquem desamparadas em nenhum desses aspectos, oferecendo um suporte completo e contínuo. Ao trabalhar em conjunto, os profissionais da rede podem identificar rapidamente as necessidades das vítimas e fornecer uma resposta coordenada e eficiente. Isso não apenas aumenta a eficácia do atendimento, mas também minimiza os riscos e a vulnerabilidade das mulheres em situação de violência.



CONHEÇA, INFORME & ATUE!


Conhecer a Rede de Atendimento Multidisciplinar é o primeiro passo para proteger e apoiar as mulheres que enfrentam violência.


- **Disque 180** - Atendimento 24 horas: A Central de Atendimento à Mulher em Situação de Violência é um serviço de utilidade pública gratuito e confidencial (preserva o anonimato).
- **Disque 190** – Polícia Militar - Atendimento 24 horas
- **Patrulha Maria da Penha-153**- Atendimento 24 horas. Preserva o Anonimato
- **Delegacia de Polícia de Defesa da Mulher (DDM)**: Rua Floriano Peixoto, nº 2880 – Alto Rio Preto Telefone (17) 3233-2910 Atendimento: Segunda à sexta-feira, das 8h às 18horas;
- **Digital**: é possível, ainda, acessar a Delegacia Eletrônica e registrar o Boletim de Ocorrência pelo site da Polícia Civil. (para informar ocorrência de Violência Doméstica selecione “Outras Ocorrências”) no endereço: <https://www.delegaciaeletronica.policiacivil.sp.gov.br/ssp-de-cidadao/home>. Medidas Protetivas de urgência também podem ser solicitadas através da Delegacia Eletrônica no momento do registro do Boletim de Ocorrência (B.O.). Nestes casos, a mulher deve colocar que deseja pedir as Medidas Protetivas quando escrever o histórico da violência no B.O.
- **Centro de Referência e Atendimento à Mulher (CRAM)**: Rua Bernardino de Campos, 4075 - Bairro Redentora Telefone (17) 3222-2041 / 3222-2588 E-mail: cram@riopreto.sp.gov.br . Oferece orientações, acolhimento, acompanhamento social, psicológico e jurídico. Segunda à sexta-feira, das 8h às 17h
- **Casa Abrigo para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica de Longa Permanência**: Tem como objetivo acolher e garantir integridade física ou psicológica de mulheres em risco de vida e seus filhos menores de 18 anos e/ou dependente. Acesso é realizado através da rede socioassistencial de atenção às mulheres em situação de violência doméstica: Poder Judiciário, Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, Centros de Referência Especializados da Assistência Social – CREAS, Centro de Referência à Mulher - CRAM dos municípios cooperados e do município de São José do Rio Preto.
- **Centro de Atendimento Especializado na Saúde da Mulher** – Avenida Philadelpho Gouveia Neto, 1960 - Jardim Conceição Telefone (17) 3215-1847 - 3214 3565 E-mail: sms.cesmulher@riopreto.sp.gov.br- Presta acolhimento e atendimento médico, psicológico e social às vítimas de violência doméstica, sexual e outras violências autoprovocadas. Segunda a sexta-feira, das 7h às 17h e aos sábados, das 7h às 12h.


Identifiquei uma vítima de violência doméstica no ambiente Escolar: o que fazer?

- **Mantenha a Calma e Crie um Ambiente Seguro:** Ao identificar uma vítima de violência, mantenha a calma e assegure à pessoa que você está ali para ajudar. Escolha um local privado e seguro para a conversa, onde a vítima se sinta à vontade para se abrir. É fundamental que este espaço seja acolhedor e respeitoso.
- **Solicite Assistência Médica:** Se a vítima sofreu agressões físicas ou sexuais, é essencial que ela receba atendimento médico imediato em um hospital. O cuidado médico irá tratar lesões e registrar provas da violência sofrida.
- **Identifique Quem Pode Ajudar:** Durante a conversa, explore quem na família pode ser acionado para apoiar a vítima, garantindo que seja alguém de confiança e não o perpetrador da violência. A rede de apoio precisa estar comprometida com o bem-estar da vítima.
- **Escute com Empatia e Sem Julgamentos:** Ouça atentamente a vítima, validando seus sentimentos e experiências. Mantenha uma escuta ativa e empática, evitando julgamentos ou interrupções. Deixe claro que você está ali para apoiá-la e que ela não está sozinha. Reforce que há pessoas e recursos disponíveis para ajudar.
- **Relate à Autoridades Competentes:** Lembre-se de que todo professor(a) tem a obrigação de relatar casos de violência doméstica e familiar às autoridades competentes, isso inclui comunicar o conselho tutelar, registrar boletim de ocorrência e etc. A escola precisa ter uma política clara sobre como lidar com esses casos.
- **Documente a Situação:** Registre os detalhes da conversa com a vítima, incluindo datas, horários, o que foi discutido e quaisquer sinais visíveis de abuso. Esses registros são importantes para futuras investigações e para garantir que a situação seja tratada de forma adequada.
- **Trabalhe em Rede:** Colabore com outros profissionais da escola, com conselheiros tutelares, assistentes sociais e equipe de saúde, para garantir que a vítima receba um suporte completo e adequado. Utilize os recursos comunitários disponíveis para fornecer a melhor assistência possível.
- **Mantenha-se Informado e Atualizado:** Esteja sempre atualizado sobre os recursos disponíveis na comunidade para ajudar e dar suporte as alunas e alunos.
- **Priorize a Segurança e o Bem-Estar:** Coloque sempre a segurança e o bem-estar da vítima em primeiro lugar. Siga os protocolos estabelecidos pela sua instituição e esteja ciente das leis e regulamentações pertinentes para garantir que a vítima receba a ajuda necessária.


 **"A violência doméstica é provocada por fatores como estresse ou desemprego."**


 Embora fatores como estresse e desemprego possam exacerbar a tensão em um relacionamento, eles não causam violência doméstica. A violência é uma escolha do agressor, que utiliza o abuso como uma forma de controlar e exercer poder sobre a vítima. Culpar o estresse ou as dificuldades financeiras é uma forma de justificar o comportamento inaceitável.


 **"Os homens que cometem violência doméstica são sempre pessoas com problemas mentais ou dependentes químicos."**


 Embora alguns agressores possam ter problemas de saúde mental ou de dependência, a maioria dos homens que cometem violência doméstica não possui essas características. A violência doméstica é uma questão de controle e poder, e muitos agressores não apresentam nenhum transtorno mental diagnosticável ou problema de dependência.


 **"A violência doméstica é um problema de casais, e os filhos não são afetados."**

 As crianças que vivem em ambientes onde ocorre violência doméstica são profundamente afetadas, mesmo que não sejam diretamente vítimas da violência física. Elas podem desenvolver traumas psicológicos, problemas comportamentais, dificuldades de aprendizagem e têm maior risco de se tornarem vítimas ou agressores na vida adulta.

 **"A violência doméstica acontece apenas em famílias pobres ou com pouca instrução."**

 A violência doméstica e familiar ocorre em todas as classes sociais, independentemente do nível de renda, escolaridade, etnia ou religião. Embora as vítimas de classes mais altas possam ter mais facilidade em ocultar a violência devido ao acesso a recursos, a violência está presente em todos os segmentos da sociedade.

 **"Se a mulher não denuncia, é porque a situação não é tão grave."**

 Muitas vítimas de violência doméstica não denunciam seus agressores por diversas razões, como medo de represálias, dependência emocional ou financeira, falta de apoio da família ou da comunidade, ou descrença no sistema de justiça. A gravidade da situação não é medida pela denúncia; a violência pode ser devastadora mesmo quando a vítima não se sente capaz de buscar ajuda.

- **DIA 1: INTRODUÇÃO AO TEMA E CONTEXTO: APRESENTAR O CONCEITO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A IMPORTÂNCIA DE ABORDAR O TEMA NAS ESCOLAS.**

Palestra Interativa - Introdução ao conceito de violência de gênero, com um enfoque especial em estatísticas e dados relevantes. Use slides e vídeos para ilustrar o impacto da violência contra mulheres e meninas.

Discussão em Grupo - Divida os alunos em grupos e peça que discutam o que aprenderam. Cada grupo deve apresentar uma reflexão sobre por que é importante combater a violência de gênero.

Peça teatral: elaboração de uma peça teatral criada pelos alunos sobre a luta das mulheres por igualdade e respeito.

Vídeo Motivacional: Exibição de um curta-metragem sobre mulheres inspiradoras que lutam por seus direitos.

Material: Cartazes informativos, vídeos educativos, e um glossário de termos relacionados à violência de gênero.

- **DIA 2: ENTENDENDO O CICLO DA VIOLÊNCIA E MEDIDAS PROTETIVAS: EXPLICAR O CICLO DA VIOLÊNCIA**

Dinâmica do Ciclo da Violência - Apresente o ciclo da violência através de uma atividade prática, como um jogo de simulação ou uma atividade de mímica. Explique as fases do ciclo e como ele pode ser rompido.

Atividade Artística - Os alunos expressam suas emoções e pensamentos sobre o tema através de desenhos ou poesias. Exponha os trabalhos na escola para promover a conscientização.

Material: Diagramas do ciclo da violência, estudos de caso, e informações sobre medidas protetivas.

- **DIA 3: INTERSECCIONALIDADE E DIVERSIDADE: EXPLORAR COMO DIFERENTES FATORES, COMO RAÇA E DEFICIÊNCIA, AFETAM A EXPERIÊNCIA DE VIOLÊNCIA.**

Workshop sobre Interseccionalidade - Realize um workshop para discutir como a interseccionalidade afeta a experiência da violência. Inclua atividades discussões sobre como diferentes identidades podem influenciar a violência sofrida.

Painel de Discussão - Convide especialistas ou representantes de organizações que trabalham com mulheres negras e mulheres com deficiência para compartilhar suas experiências e insights.

Histórias de Resistência: Celebrar a força e a resiliência das mulheres negras e transsexuais que enfrentam a violência.

Apresente aos alunos histórias reais ou fictícias de mulheres negras e transsexuais que resistiram à violência e discriminação. 2. Divida os alunos em pequenos grupos e peça que discutam as histórias, focando nos desafios enfrentados e nas formas de resistência dessas mulheres. 3. Cada grupo deve então compartilhar com a turma o que aprendeu com a história e como isso pode inspirá-los a agir contra a violência. 4. Conclua com uma discussão sobre o papel da resistência na luta contra a violência de gênero.

Reflexão: O que essas histórias de resistência nos ensinam sobre a luta contra a violência de gênero? Como podemos apoiar as mulheres negras e transsexuais em nossa comunidade?

Material: Artigos e estudos sobre interseccionalidade, vídeos de testemunhos, e materiais informativos sobre diferentes tipos de violência. Texto ou vídeos de histórias inspiradoras de mulheres negras e transsexuais.

- **DIA 4: CONHECENDO AS LEIS, REDES DE APOIO E CULTURA DE PAZ**

Aula sobre Leis de Proteção: Explique as principais leis de proteção às mulheres no Brasil, como a Lei Maria da Penha. Use gráficos e infográficos para tornar a informação acessível e clara.

Simulação de Redes de Apoio: Faça uma simulação em que os alunos precisam criar uma rede de apoio fictícia para uma vítima de violência, identificando diferentes recursos e serviços que poderiam ser acionados.

Conhecendo a Lei Maria da Penha: Ensinar a Lei Maria da Penha e como ela protege as mulheres contra a violência doméstica.

Divida os alunos em grupos e entregue a cada grupo um resumo da Lei Maria da Penha.

1- Peça que os alunos leiam o texto e discutam entre si os principais pontos da lei. 2- Cada grupo deve criar um cartaz que resuma os direitos das mulheres garantidos pela Lei Maria da Penha e as medidas protetivas disponíveis. Exponha os cartazes na sala ou nos corredores da escola.

Mosaico da Paz: Contribuições Individuais: Mostrar como cada aluno pode contribuir para um ambiente de paz e como essas contribuições se unem para criar uma comunidade segura.

1- Dê a cada aluno uma peça de papel e peça que escreva ou desenhe algo que eles possam fazer para promover a paz e combater a violência contra as mulheres.. 2. Cole as peças juntas em uma grande base, criando um "Mosaico da Paz". 3. Discuta com os alunos como cada contribuição individual se junta para criar um todo maior e mais forte – uma comunidade de paz. 4. Exponha o mosaico.

Reflexão: Como nossas ações individuais contribuem para a cultura de paz em nossa comunidade? O que acontece quando todos fazem a sua parte?

Material: Lei Maria da Penha simplificada, folhas de papel, Materiais educativos sobre as leis de proteção, Peças de papel em formato de mosaico (pode ser quadrados, triângulos, etc.), cola, uma base grande para colar as peças.

- **DIA 5: AÇÃO E EMPODERAMENTO: INCENTIVAR OS ALUNOS A TOMAR AÇÕES CONCRETAS E PROMOVER A CONSCIENTIZAÇÃO NA COMUNIDADE ESCOLAR.**

Campanha de Conscientização - Organize uma campanha de conscientização na escola, onde os alunos criam cartazes, vídeos, ou apresentações para informar outros alunos e membros da comunidade sobre a violência de gênero.

Homens Contra a Violência: Incentivar meninos e homens a se comprometerem publicamente a combater a violência de gênero. Material necessário: Um mural, papéis em formato de mãos, canetas.

1. Cada participante escreve em uma "mão" de papel um compromisso pessoal para combater a violência de gênero (por exemplo, "Eu prometo nunca fazer piadas que desrespeitem as mulheres").
2. As "mãos" são coladas em um mural coletivo como símbolo do compromisso do grupo.
3. Conclua com uma reflexão sobre o impacto de ações individuais na construção de uma cultura de paz e respeito.

Reflexão: Que mudança você pode fazer hoje para apoiar a luta contra a violência de gênero?

Encerramento: Celebração com apresentações dos trabalhos realizados durante a semana.



**"Educar para o
respeito é
transformar
vidas e construir
um futuro sem
violência."**

- Realize as atividades com base nos conteúdos e conceitos apresentados nessa cartilha. Consulte os Materiais de Apoio na página 26. Eles lhe auxiliarão a construir suas atividades e aprofundar os conceitos.
- Inicie um círculo de reflexão, onde os alunos compartilham suas ideias sobre as possíveis raízes da violência contra mulheres. Promova uma discussão aberta e incentive-os a refletir sobre fatores sociais, culturais e individuais.
- Divida a turma em grupos e atribua a cada grupo um aspecto específico da violência contra mulheres para debater (ex: violência doméstica, discriminação no trabalho). Peça que proponham soluções e estratégias para prevenir essas formas de violência.
- Exiba exemplos de representações de gênero e violência contra mulheres na mídia. Conduza uma discussão sobre como essas representações podem influenciar atitudes e comportamentos, e incentive os alunos a propor maneiras de promover uma imagem mais saudável e equitativa.
- Convide profissionais que trabalham na prevenção à violência contra mulheres para uma entrevista. Os alunos podem formular perguntas sobre recursos disponíveis na comunidade e como eles podem contribuir para a prevenção.
- Peça aos(as) estudantes que citem o nome de 10 homens e de 10 mulheres que foram importantes na História do País e do mundo. Anote em uma tabela. É bem provável que só consigam lembrar de figuras masculinas. Explique como, durante séculos, a participação e protagonismo femininos foram limitados no âmbito social, religioso, político e científico. E, mesmo quando conseguia romper barreiras, a presença feminina costumava ser omitida da narrativa histórica. Problematize comentando sobre como os fatos são contados a partir de uma perspectiva masculina, em que são os homens que se destacam. Pergunte sobre os possíveis motivos desta situação. Com que objetivo? Incentive a leitura de livros escritos por mulheres ou sobre mulheres.
- Pergunte quantos livros de escritoras mulheres já leram. Peça que citem seus nomes e pensem se conhecem mais autores homens.
- Peça que os(as) estudantes pesquisem o lugar da mulher na música brasileira. Além de refletir sobre a letra, identificar o autor(a), data do lançamento. É interessante que tentem traçar um panorama histórico deste lugar e compará-lo. Houve mudanças? De que tipo? O que as letras revelam da época em foram escritas? Quais os valores associados? Problematize mostrando como, nos dias de hoje, são comuns as que têm letras de caráter machista, misóginas, da cultura do estupro e da objetificação e violação da mulher. Por que acham que isso acontece? E o que este tipo de letra reforça?

- A música também pode servir para uma conversa sobre mulheres nas artes. Apresentar a história de mulheres como Tia Ciata e a compositora Chiquinha Gonzaga. A ideia, neste caso, é valorizar a produção cultural feminina.
- Escolha livros infantis que abordem temas como igualdade de gênero, respeito ao próximo e amizade. Após a leitura, promova uma roda de conversa para discutir a história, incentivando as crianças a falarem sobre o que aprenderam e como aplicariam esses ensinamentos em suas vidas.
- Exemplo de Perguntas: "O que significa tratar os outros com respeito?", "Como podemos ajudar nossos amigos quando estão tristes ou com medo?"
- Peça às crianças que escrevam ou desenhem cartas para mulheres importantes em suas vidas (mães, avós, professoras), expressando gratidão e admiração. Isso ajuda a valorizar as mulheres e a reconhecer sua importância na sociedade.
- Discussão: "O que faz essas mulheres em sua vida serem especiais?", "Como podemos mostrar que valorizamos e respeitamos as mulheres em nosso dia a dia?"
- Escolha um livro infantil que conte a história de uma personagem feminina que supera desafios ou lida com dificuldades. Após a leitura, converse com as crianças sobre o que a personagem enfrentou e como ela conseguiu superar essas dificuldades.
- Discussão: "O que fez a personagem se sentir corajosa?", "Como podemos apoiar nossos amigos e amigas quando eles enfrentam dificuldades?"

PERGUNTAS PARA ESTIMULAR O PENSAMENTO



- Existem violências que estão relacionadas ao gênero da pessoa? Qual o tipo de violência mais comum praticada contra as mulheres?
- Por que é importante que todos, não apenas as vítimas, se envolvam na luta contra a violência de gênero?
- Quais são os tipos de violência mais comuns que ocorrem em um relacionamento íntimo?
- Por que há momentos em que não queremos falar sobre a violência em nossas vidas?
- Por que algumas pessoas, mesmo sofrendo violências em um relacionamento, não conseguem deixar o(a) parceiro(a)?
- Por que a Lei Maria da Penha não protege homens?
- Como você poderia ajudar uma amiga que sofreu violência?

- Quem é Maria da Penha? <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>
- guia de acesso fácil e rápido sobre violência doméstica e familiar MP/SP: <https://www.mpsp.mp.br/area-violencia-domestica-e-familiar>
- Masculinidades e enfrentamento à violência contra a mulher: https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/Nucleo_de_Genero/grupos_reflex/grupos_reflex_cartilhas/CARTILHA%20%20Masculinidades-Consorcio%20INTERMUNICIPAL%20GRANDE%20ABC.pdf;
- <https://plenarinho.leg.br/index.php/2020/03/cartilha-e-video-o-que-e-feminicidio/>
- Documentário “silêncio dos homens” <https://youtu.be/NRom49UVXCE?si=krQN7h1maHoEcE7o>
- a-lei-maria-da-penha-em-cordel: <https://www.letras.mus.br/tiao-simpatia/a-lei-maria-da-penha-em-cordel>: <https://youtu.be/8G9Ddgw8HaQ?si=2xyrcouJjO5b0Vll>
- https://kaloni.com/blog_pr/masculinidade/profissoes-que-acreditam-ser- apenas-para-mulheres/
- <https://plenarinho.leg.br/index.php/2023/03/e-book-brasileiras-inspiradoras-4a-edicao/>
- O que é feminicídio <https://youtu.be/QvWPKLLYWXI>
- Desenhos para pintar “mulheres negras que inspiram” <https://drive.google.com/file/d/15qTRrFvC9Q-jgBvYKsmJyuagK3Oca7zO/view?usp=sharing>
- <https://plenarinho.leg.br/index.php/2020/11/tia-ciata/>
- <https://plenarinho.leg.br/index.php/2017/02/chiquinha-gonzaga/>
- <https://cartilhas.mpsp.mp.br/mulher-vire-a-pagina/>
- Turma da Mônica Clássica em “Juntos pela Igualdade”: <https://www.youtube.com/watch?v=2iSk3DVvIYk&t=13s>
- Violência sexual o que você deve fazer: https://drive.google.com/file/d/1AvYODMaB1LXbC3zuX_HUOM_PSDcmHZaD/view?usp=sharing
- Retificação gratuita de nome de gênero no cartório: <https://drive.google.com/file/d/1BHbs5nbn13tAZ3d-6Anc2GAKjOQOars4/view?usp=sharing>
- Cartilha “Pacto ninguém se cala”- MP/SP: <https://www.mpsp.mp.br/documents/20122/0/PactoNinguemSeCala.pdf/bd40ff47-8dda-8704-2a26-7513481eb5d9?t=1710430526372&download=true>



FONTES

- Constituição Federal/1988 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- <https://agenciapatriciagalvao.org.br/>
- <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/denuncie-violencia-contra-a-mulher/ violencia-contra-a-mulher>
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm
- https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12737.htm
- https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12845.htm Lei Joana Maranhão - LEI 12.650/2015
- https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2018/2015/lei/113104.htm
- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm
- <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/7868-atlas-violencia-2024-v11.pdf>
- <https://www.institutomariadapenha.org.br/>

SOS Racismo - (17) 3234-3283 (08h às 17h)

Disque 153 – Guarda Civil Municipal – Patrulha Maria da Penha (24h)

Disque 190 – Polícia Militar (24h)

CRAM – (17) 99708-2041 (08h às 17h)

DDM - (17) 3233-2910 (08h às 18h)

Disque 180 – Central de Atendimento à Mulher (24h)

Disque 100 – Disque Direitos Humanos (24h)

Setor de Conselhos – (17) 3231-5226 (08h às 17h)

Conselho Tutelar Sul – (17) 32322818 > Plantão: (17)996-080514

Conselho Tutelar Norte – (17) 32362862 > Plantão: (17) 996-080407



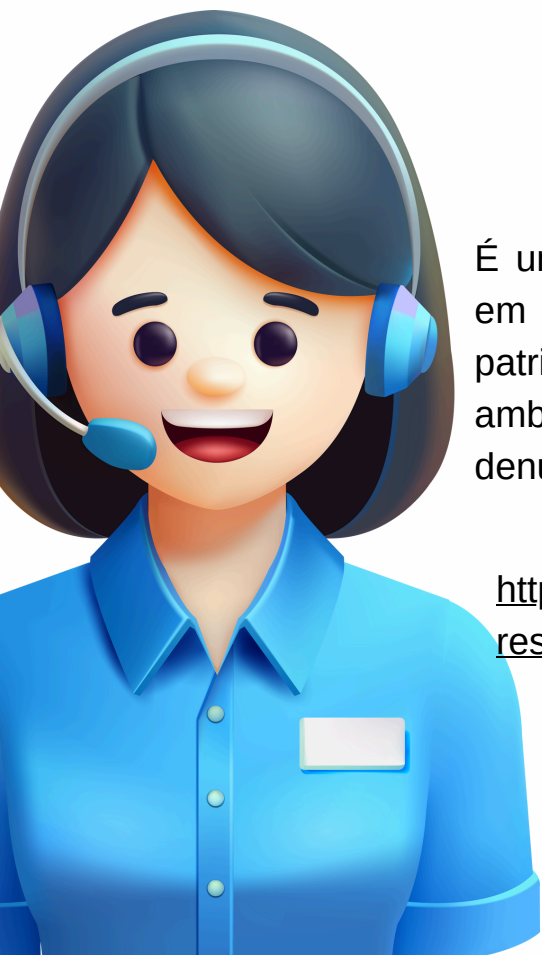
**Violência contra a mulher:
'Ligue 180' tem canal por
Whatsapp**

A assistente virtual oferece várias opções de ajuda, mas a qualquer momento uma atendente da central pode ser acionada. Desde 2023, a equipe da central passou a ser composta somente por mulheres.

Para adicionar o Disque Denúncia no WhatsApp, basta enviar uma mensagem para o número



(61) 9610-0180



Ouvidoria das Mulheres MP/SP

É um canal do MPSP para mulheres que sofreram ou estão em situação de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial, na internet e redes sociais, no trabalho, no ambiente público ou privado) que desejam pedir ajuda, denunciar, buscar informações, fazer elogio ou sugestão.

Acesse no link:

<https://sis.mpsp.mp.br/atendimentocidadao/OuvidoriaMulheres/Manifestacao/EscolherTipoDenuncia>



COMO PODEMOS AJUDAR A MUDAR A REALIDADE DA NOSSA CIDADE E COMUNIDADE?

A transformação que desejamos para nossa cidade e comunidade começa com cada um (a) de nós. O combate à violência contra mulheres e meninas não é uma responsabilidade exclusiva de autoridades ou de algumas pessoas; é uma missão coletiva.

Para que possamos verdadeiramente mudar a realidade ao nosso redor, precisamos nos comprometer a agir de forma preventiva, ao invés de apenas remediar os graves problemas quando já se tornaram evidentes.

Ao invés de esperar que a violência aconteça para então agir, precisamos adotar uma postura proativa, voltada para a prevenção. Isso significa promover a educação sobre igualdade de gênero, denunciar situações de risco e criar espaços seguros para o diálogo e o crescimento pessoal. Cada atitude conta e tem o poder de inspirar outros a seguirem o mesmo caminho. Em união, podemos construir uma comunidade onde a violência contra mulheres e meninas não tenha lugar, e onde todas possam viver com dignidade, segurança e respeito.

**A MUDANÇA COMEÇA AGORA, E ELA COMEÇA COM CADA UM (A) DE NÓS.
SEJA A DIFERENÇA QUE VOCÊ QUER VER NO MUNDO.**



**ACESSE ESSA CARTILHA
ONLINE ATRAVÉS DO QR
CODE**



Grupo Mulheres do Brasil - Núcleo Rio Preto:	sjriopreto@grupomulheresdobrasil.org.br / www.https://www.grupomulheresdobrasil.org.br/ @grupomulheresdobrasilriopreto
Ministério Público/SP:	pjvdsriopreto@mpsp.mp.br / www.https://www.mpsp.mp.br 1732347065 telefone/ WhatsApp @mpsp_oficial
OAB Rio Preto:	saojose.riopreto@oabsp.org.br / www.oabriopreto.org.br / @oabriopreto
Instituto Roka:	contato@institutoroka.com.br / www.institutoroka.com.br / @institutoroka
Projeto MAN:	contato@projetoman.com / www.projetoman.com / @projetoman.sjrp



GRUPO CENE	www.gcene.com / @grupocene / (17) 3355-7070
COPFAC	www.copfacdigital.com.br/ @copfacdigital/ (17) 3305-6985
CRESOL	www.cresol.com.br/ @cresol.coop (017) Cresol
ICATU	www.portal.icatuseguros.com.br / @icatuseguros



Realizadores:



MPSP | MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO



Parceiros:



Patrocinadores:

